Acta Est Fabula. Memórias V

Eugénio Lisboa (2016). *Acta Est Fabula. Memórias – V – Regresso a Portugal: (1995-2015)*. Guimarães: Opera Omnia, 384 p.

***Acta Est Fabula. Memórias V*, de Eugénio Lisboa**
por Marcelo Duarte Mathias
Universidade de Aveiro, 1 de dezembro de 2015.

Todos nós conhecemos os ensaios de Eugénio Lisboa. Estou-me a lembrar de *As Vinte e Cinco Notas do Texto, Crónica dos Anos da Peste, Portugaliae Monumenta Frivola, O Objecto Celebrado*, sem esquecer os dois magníficos volumes *Indícios de Ouro*, de factura mais recente.

Sem prejuízo da extrema variedade de temas e autores, em todos estes textos se assinalam as qualidades bem conhecidas do estudioso e do erudito que é Eugénio Lisboa – a justeza da observação que, não raro, elucida a relevância de determinados pormenores; o gosto sempre renovado em descobrir um autor, a sua estética e a sua linguagem; o rigor da análise que não afecta nem compromete – bem pelo contrário! –, o entusiasmo, pois a crítica é sempre nele uma abertura de espírito frente ao desconhecido, uma reflexão activa, no fundo, a procura de uma cumplicidade.

Textos que juntam conhecimento e intuição, porque nos revelam o invisível equilíbrio de uma obra e evidenciam a sua intrínseca verdade.

Estou a pensar, entre tantas outras, nas páginas dedicadas a Jorge de Sena, Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e Rodrigues Miguéis, para nos atermos apenas a alguns nomes portugueses contemporâneos mais conhecidos. Sem omitir neste rol os autores lusófonos, brasileiros e africanos.

Nesta perspectiva, não tenho dúvidas que a obra de José Régio, em toda a sua complexidade, chegou junto de muita gente, que depois dela se tornou leitora – eu que o diga! –, graças à tarefa de exegese e divulgação empreendida com tanta saber pelo Eugénio que tem sido incansável de fidelidade. Ainda há poucos dias, reli na estupenda e nova edição do *Dicionário do Eça*, a extensa contribuição por parte do Eugénio Lisboa relativa ao olhar de Régio sobre a obra do Eça. E não falo aqui dos inúmeros apontamentos, impressões, resenhas, nótulas dedicados a autores estrangeiros, de Gide a Bertrand Russel, de Machado de Assis a Graham Greene.

Saber admirar é sempre expressão de grandeza; saber transmitir a nossa admiração, é prova de talento. A literatura como expressão e salvação do mundo; e, em contraponto, a leitura como abrigo do mundo. Mas também como percurso e descoberta, imensa e indivisível biblioteca que a todos nos pertence.

Antes de mais, se me permitem, gostaria de referir dois pontos que me ligam desde há muito ao Eugénio Lisboa. Para lá do universo dos livros, dos autores, do culto pela imaginação criadora, sem falar do gosto que ambos temos por coligir citações, que é outra forma afinal de acatar o que de bom ou admirável os outros fazem e dizem, temos em comum uma mesma devoção por essa figura excepcional de homem múltiplo, verdadeiramente caleidoscópico, que foi Ernesto Guerra Da Cal, o galego mais queirosiano que jamais existiu! Aliás, posso hoje confessá-lo, socorri-me de um artigo do Eugénio Lisboa em que ele definia o Ernesto como «um homem prodigiosamente vivo», para intitular o meu testemunho *Um Homem Vivo.* (Depoimento esse publicado, juntamente com numerosos outros, num volume editado pela Universidade de Coimbra em 1997 de homenagem ao Ernesto).

Noutro plano, partilhamos de uma idêntica fidelidade a esse grande-pequeno livro único que é o *Serviço Inútil* de Henry de Montherlant, que Eugénio Lisboa qualifica, e bem, como «um dos mais extraordinários volumes de ensaios que conheço não só na literatura francesa como até em qualquer língua». Entre parêntesis, Montherlant, com aquele seu gosto pela provocação, advogava que os medíocres deviam ser detidos e postos na cadeia. Dizia ele numa peça aliás inspirada na figura de Inês de Castro: «Allez, allez, en prison! En prison pour médiocrité!». Hoje em dia, atendendo à poluição deste fenómeno, não haveria penitenciária que chegasse!

Tenho para mim que há duas grandes datas no percurso literário de Eugénio Lisboa. A primeira abrange os anos dedicados à descoberta e crítica de autores, tanto portugueses como estrangeiros, e preenchem as muitas obras que há pouco mencionei. Labor edificado ao longo dos anos feito de escrutínio

e análise, convergência e diálogo, já que qualquer leitura é procura de diálogo. Em síntese, a vocação de toda uma vida e sua primeira identidade.

Acresce que o facto de Eugénio ter vivido cerca de 17 anos em Londres (raro privilégio!) deu-lhe um conhecimento *in loco* do ensaísmo anglo-americano, que nos tem dado depoimentos de invulgar relevo. Não só as obras em si, mas as recensões críticas que lhes correspondem e que são de igual qualidade. Sem sequer falarmos da excelência do teatro londrino, supra-sumo de uma das melhores tradições britânicas, bem como do mundo da arte em geral. Terá sido decerto uma experiência inestimável pelo muito que depois fica desse ensinamento, nomeadamente, no modo de escrever e na abordagem a todo o tipo de questões – «daquela Londres que durante dezassete anos tanto me dera e me ocupara». Em meu entender, o olhar de Eugénio Lisboa é também disso reflexo, patente em muitas das suas considerações. Em determinada passagem deste livro, pode ler-se: «A leitura de bons romances ingleses e americanos leva-me a ter alguma impaciência com quase toda a ficção lusíada». E com uma ponta de perfídia, dirá de um *thriller* da autoria de Charles Williams «um daqueles livros que os portugueses são incapazes de escrever». E noutro dos seus textos, incluído n'*O Objecto Celebrado*:

> Enquanto no mundo anglo-saxónico, diários, memórias, cartas fazem parte dos valores culturais mais prezados, entre nós poucas biografias de real valor se publicam, as cartas dos grandes escritores, na sua esmagadora maioria, volatilizam-se para incertas paragens e os nossos grandes homens não têm o usufruto nem da sua memória nem da memória dos outros.

Palavras certíssimas que explicam muito da nossa pobreza em termos de património documental, ou seja, de memória colectiva.

A segunda fase dos seus trabalhos coincide com a vertente autobiográfica que veio conferir uma nova dimensão à sua obra – enriquecendo-a e singularizando-a, já que todo o livro de memórias traduz uma pessoalíssima versão do mundo, e este também não escapa à regra. Onde está a verdade, já que, de uma ou de outra forma, todos somos a nossa própria ficção? Até que ponto compor o nosso auto-retrato não será já reconhecer a inviabilidade de o levar a cabo? Esta é outra das reflexões que este livro suscita.

Cinco volumes compõem estas recordações, tendo até agora vindo a lume quatro, encontrando-se o segundo em fase de elaboração.

Têm por título genérico *Acta Est Fabula* – epígrafe latina um tudo-nada intrigante, com o seu quê de pessimista, embora introduzindo de forma um

tanto paradoxal, a constatação de um triunfo. Como se sabe, era o que se dizia na Roma antiga quando da conclusão de uma peça de teatro. Há pois um sentimento, por certo grato ao autor, de *achievement,* para empregarmos uma palavra inglesa dificilmente traduzível e também de reencontro consigo – chegado ao fim da jornada, aqui está aquilo que eu fiz; aqui está aquilo que eu fui. Aqui fica o meu modo de o dizer.

Este ciclo de memórias deve pois ser visto como parte do todo que é o legado literário de Eugénio Lisboa. Decerto: cada livro pertence a um momento próprio, mas insere-se, do mesmo passo, noutra verdade que lhe é superior, que é simplesmente a continuidade em que se integra, porquanto uns e outros compõem as várias fases de uma mesma caminhada. Ramificações de um idêntico tronco, a substância de uma obra, e desta em particular, nasce dessa diversidade que se desdobra em vários planos.

O volume que temos hoje connosco é o último da série, abrange os anos de 1995 a 2015, e tem por subtítulo *Regresso a Portugal*, e constitui, para lá, evidentemente, do percurso individual de quem o redige, o reflexo de uma geração e de determinado espaço de tempo, pelo que para muitos, e nesses me incluo, assemelha-se a uma teia familiar de nomes e acontecimentos também por nós presenciados, lembrados ou vividos. Gentes, filmes e livros, verdadeiro manancial de reencontros e reminiscências que povoam as paisagens deste livro!

Só a título de exemplo, que me seja permitido aludir, um tanto ao acaso, a dois filmes aqui mencionados que numerosos de entre nós certamente viram e apreciaram – são eles *Nelly et Mr. Armand* de Claude Sautet, verdadeira pequena maravilha de tacto e subtileza, e *Hillary and Jackie* sobre a violoncelista Jacqueline du Pré. (O filme termina com aquela imagem da mulher solitária na orla da praia vista de muito alto e acompanhada, em crescendo, por uma sinfonia de Edward Elgar – imagem final verdadeiramente empolgante!).

Mencionei aqui de raspão, estes dois filmes, mas poderia, de igual modo, recordar o que o Eugénio Lisboa diz de duas cidades, nomeadamente, Buenos Aires e Aix-en-Provence, as nostalgias europeias de Buenos Aires e os encantos de Aix-en-Provence.

Porque uma narrativa multifacetada como esta, rica de um mosaico de pormenores, não é passível de abreviações, lê-se, pura e simplesmente! Ninguém resume uma viagem, e este volume, tal como os outros que o antecederam, é uma demorada viagem pelas palavras e pelas emoções, que se nutrem umas e outras da fidelidade às coisas vividas. A reflexão nasce dessa atenção ao concreto – a que não é certamente alheia a sua formação científica.

Dito isto, vou procurar destacar alguns aspectos que se me afiguram melhor evidenciar os juízos de valor que fundamentam e iluminam estas evocações.

Antes de mais, em paralelo com a paixão pela língua portuguesa, a limpidez da expressão, a lisura da escrita, o gosto pela clareza daquilo que se enuncia, daquilo que se descreve, que tem sido aliás um dos seus cavalos de batalha.

Nas *Vinte e Cinco Notas do Texto*, o nosso autor terá ensejo de sublinhar: «Entre nós, tem-se hoje medo da linguagem límpida e transparente, que se teme seja tida por "simplória". De aí os contorcionismos complicados que passam por pensamento profundo e inacessível.» Por mais de uma vez, é esta temática aqui abordada. Não há dúvida, como é hábito dizer-se: só a transparência das águas permite vislumbrar a sua profundidade.

Outro aspecto digno de menção é o desassombro com que são aqui evocados – não obstante o mérito que se lhes reconhece – algumas figuras nacionais que pertencem à invejável categoria muito portuguesa, diga-se de passagem, dos «intocáveis», incluindo nela, os Pessoas, os Saramagos, as Llansol, os Óscares Lopes. Entre outros, entre muitos outros, e não só no plano intelectual ou artístico, pois também é aqui feita menção de políticos.

Num país como o nosso em que somos todos primos, em que toda a gente depende de toda a gente, onde nunca nada convém porque tudo é sempre complicado, é louvável, é saudável, é imensamente refrescante ler alguém que lá vai dizendo da sua verdade sem pedir meças a ninguém. E fá-lo sem acrimónia, sem acinte, sem despeitos tão-pouco. Antes com aquela natural bonomia que no Eugénio é uma das expressões da sua lucidez. Aqui não há ajuste de contas.

A independência de espírito tem isso de bom – é inassimilável, isto é, ninguém a arregimenta. Sem esquecer, do mesmo modo, a estima e amizade que lhe merecem personalidades como Maria Judite de Carvalho ou David Mourão-Ferreira, de quem dá esta justíssima definição, sobretudo para aqueles que, vivendo no estrangeiro, vinham a Portugal regularmente – «ele era uma parte intrínseca de Lisboa». Sem esquecer tão-pouco todos os demais que, por este ou aquele motivo, lhe suscitam admiração, como, por exemplo, o Torga dos *Novos Contos da Montanha*, ou, ainda, o talento literário de Vasco Pulido Valente. E outros nomes se poderiam aqui acrescentar.

Leitor insaciável, grande conhecedor em particular da literatura inglesa e francesa, os escritores, tanto nacionais como estrangeiros, ocupam aqui lugar de destaque. E é natural que assim seja, pois são todos membros da mesma família, a um tempo próxima e distante consoante os temas e as sensibilidades. A eles se refere, a cada passo, por entre ficções e leituras. Neles se questiona ao abrigo da sua própria busca identitária. Mais: o escritor que é Eugénio Lisboa

sente-se depositário dessas mil heranças, que são outros tantos imaginários – o que, de certa maneira, corresponde ao perfil de um homem culto, à sua melhor caracterização, sendo sempre a Cultura aliança entre as várias memórias do mundo.

De assinalar, por igual, aquilo que é dito sobre a UNESCO (Eugénio Lisboa foi, como se sabe, de 1995 a 1998, presidente da Comissão Nacional para a UNESCO), considerações que se aplicam, *mutatis mutandis*, a outras grandes agências do sistema das Nações Unidas, bem como a qualquer outra organização internacional, a começar pela tecnocracia de Bruxelas, que se alimenta do seu próprio vazio. E daqueles que nelas e por elas circulam.

A justeza do traço, já aqui o disse, é outro dos atributos deste livro. Alguns exemplos apenas.

A propósito de uma ida a uma exposição de Cézanne, Eugénio Lisboa questiona-se, e a interrogação é deveras pertinente, sobre o impacto que poderá ter tido naqueles que a visitaram e diz isto: «Quem saiu dali diferente do que era, quando ali entrou?».

Noutro plano, sobre a ânsia do prémio Nobel, que tanto dilacera a alma dos nossos intelectuais, «o rebuçado sueco» como aqui é dito, Eugénio Lisboa diz isto referindo-se a Vergílio Ferreira «sempre tão consagrado mas sempre com uma consagração a menos». Uma linha, e fica tudo dito.

Sobre o nosso tempo, dominado pela comunicação social e certas figuras que nela se agitam: «Ser ou não ser mediático, eis a questão».

Sobre aqueles, aqui e no estrangeiro, que detêm em diferentes escalas as várias rédeas do Poder: «É tudo gente pequenina, com ideias pequeninas e emoções pequeninas». E, quando a vaidade se junta à mediocridade, e se pavoneiam por aí de mãos dadas, isso provoca-lhe «um bom riso rabelaisiano»!

A ordenação do texto é outro dado a ter em conta: nestas recordações, Eugénio Lisboa intercala, a cada passo, por entre as páginas de memórias, páginas do seu diário – a leitura faz-se assim entre o fluxo e o refluxo de umas e de outras, e o livro vive da articulação dessas intermitências, que unifica.

São constantes estes apartes – «Ao fim de uma longuíssima ausência, tento regressar a este diário», noutra passagem: «Interrompo, de novo, aqui o meu diário», ou, ainda, «Passo agora à transcrição de algumas páginas do meu diário».

Este permanente balancear entre a escrita diarística e a componente memorialística, que entre si se conjugam e se completam, leva-nos a ver a realidade sob ópticas diferentes. Em permanente entrosamento, cruzam-se e entrecruzam-se, reflectindo o curto prazo e o longo curso, a apreensão do quotidiano e a evocação do tempo transcorrido, e do muito que mesmo assim

permanece por enunciar ou esclarecer… Afinal, esta recolha de memórias é também a soma dos não-ditos, tudo aquilo que se pressente e se adivinha, oculta riqueza situada para lá da linguagem visível.

Basta lermos a forma como é aqui evocada a mãe do autor, imagem em filigrana, e a saudade que lhe inspira. A dado passo, Eugénio Lisboa interroga-se: «Pergunto-me se, ao longo da sua vida, a minha mãe foi realmente feliz», dúvida inerente a qualquer filho, e remata: «Gostaria de acreditar que sim».

Digressão, diálogo de vozes, ponto de encontro de onde tudo o mais irradia, todo o livro de memórias é um livro sem fim.

Em última instância, o ponto essencial desta rememoração é o confronto do homem consigo mesmo – o que somos e fomos, sempre iguais e sempre dissemelhantes, fecunda contradição que é semente e fruto de todo o texto autobiográfico.

Em jeito de síntese, o autor dirá, dirigindo-se a si mesmo: «Dosear o tempo dado à leitura e o tempo dado à meditação e à escrita, eis o difícil equilíbrio em que terei de me afinar». Bela súmula da ambição que preside a este livro, e do muito nela implícita.

Páginas que são também o registo de uma permanente inadaptação ao mundo que o circunda. Não há aqui encenações, mas tão-somente uma constatação por diversas vezes experimentada. De resto, a sensação de se ser intruso na nossa própria vida, é comum, com uma ou outra variante, à prática diarística, e Eugénio Lisboa é também diarista, como aqui eloquentemente se comprova:

> O sentimento de estar a mais, de não pertencer verdadeiramente por inteiro a qualquer coisa, instituição ou agremiação. Este sentido de ser em tudo um "outsider", um laico de uma religião qualquer – nunca me abandonou ao longo da vida. […] Sempre com um pé dentro e outro fora.

Não se trata de conflitualidade ou rebeldia para com a realidade à sua volta, mas antes de um estar alhures e nele se deixar ficar, íntimo distanciamento para tudo dizer, tão natural como o ar que se respira. Clivagem que é quase uma fractura. Isto em parte talvez se possa explicar – se é que estas coisas se explicam… – por Eugénio Lisboa pertencer a três cidades-pátrias, a saber: Lourenço Marques, («capital da memória»), Londres e Lisboa, ou melhor dito, São Pedro do Estoril. Com cada uma delas, estabeleceu uma relação afectiva de

natureza diferente. Realidades que não se anulam, mas se sobrepõem. «Foi bom ter vindo viver para São Pedro do Estoril. Sair de automóvel, quer na direcção de Cascais, quer na de Lisboa – é uma festa para os olhos e para a alma».

Lugares, datas, itinerários, amizades e opções, partidas, andanças e errâncias – os horizontes de um homem, afinal. De uma consciência que se abre ao mundo e nele se procura – inventário disperso de que este livro é também testemunha.

Atente-se neste passo: «Os lugares alteram as pessoas. Eu não sou nenhum dos que já fui. Quem é este de agora e de aqui?». Todos coabitamos ao longo da nossa vida com uma sucessão de desconhecidos… – que somos nós.

Enraizamentos geográficos que são outros tantos desenraizamentos psicológicos. Vivências contíguas e, todavia, fragmentárias, à maneira de intangíveis fronteiras que configuram os perfis da sua identidade em movimento, a delimitam e a transcendem.

Livro este da vida sofrida e sonhada, último sinal de uma caminhada que denuncia com o escoar do tempo uma visão diversa das coisas e gentes, porque tudo se vai alterando à medida que nos aproximamos do último degrau. Este regresso a Portugal é o definitivo regresso do narrador-protagonista a si mesmo. Balanço final sem ilusões ou simulacros de qualquer espécie, de que nunca foi, nem é, grande adepto. Sem cultivar derrotismos, sem tão-pouco procurar absolvições ou resgastes. «Sou um pessimista mas não sou nem triste nem amargurado».

Na verdade, e é este um ponto curioso: embora sempre aqui presente, a morte não enegrece estas páginas, muito ao invés, confere-lhes vitalidade e alegria, a ponto de Eugénio Lisboa afirmar, à maneira dos estóicos – «gostaria de morrer bem». Como diz o seu amigo Domingos Monteiro, aqui citado, numa formulação feliz: «Eu não tenho medo de morrer. Tenho é pena de morrer.»

Quando do falecimento do cineasta sueco, Ingmar Bergman, Eugénio Lisboa anotará em tom de desabafo: «Bergman morreu ontem. Lá se foi mais um dos rapazes do meu tempo». A morte dos outros vai-nos aproximando da nossa. Desencanto que é uma forma de aprendizagem.

Logo no início, com o título *Esclarecimento*, Eugénio Lisboa diz isto que é o fio de ouro, por vezes soterrado, que percorre toda esta exaustiva peregrinação: «Chego ao fim: sinto-me, um pouco, numa sala de espera. Aguardando o quê? Talvez tudo. Talvez nada. Mais provavelmente alguma coisa.»

Envelhecer é também entrar em contacto com a ambivalência do tempo, resultante das suas muitas dimensões, tema que repassa de ponta a ponta por entre as páginas deste longo exame de consciência e lhe confere o timbre que lhe é próprio.

Atente-se no seguinte fragmento. Referindo-se a Paris, Eugénio Lisboa escreve: «Mas, estando agora em Paris, tenho estranhas saudades de ter estado em Paris, quando aqui estive das primeiras vezes.». Porque envelhecer é também, ao mesmo tempo, estar e ter estado.

Umas linhas mais abaixo, o ensaísta em apreço afirma isto que se me afigura exactíssimo:

> Envelhecer é ficar mais pobre. Envelhecer é ficar mais rico.
> Hoje mais velho, aprecio melhor – com mais minúcia e uma ponta de angústia, que ilumina – um dia de sol, uma paisagem de Outono ou um monte branco. Vejo mais devagar: vejo melhor. A proximidade da morte dá um gosto mais agudo e mais urgente à vida.

E logo a seguir isto, que é belíssimo, a modos de conclusão: «Muitas vezes, a vida começa, quando a vida acaba».

Bem-haja, Eugénio Lisboa!